

## O JARDIM DO ÉDEN

*...algo teria de surgir a certa altura do nada ...*

Sofia Amundsen regressava da escola. Percorrera com Jorunn o primeiro troço do caminho. Tinham conversado sobre robôs. Para Jorunn, o cérebro humano era um computador complexo. Sofia não estava de acordo. Um homem deveria ser algo mais do que uma máquina.

No supermercado, despediram-se. Sofia morava no extremo de um extenso bairro de vivendas e o caminho que tinha de percorrer para a escola era quase o dobro do de Jorunn. A sua casa parecia ficar no fim do mundo, porque atrás do jardim já não havia casas, apenas floresta.

Meteu para Kløverveien. No fim da rua, havia uma curva estreita, a que chamavam a «Curva do Capitão», e onde quase só ao fim-de-semana se viam pessoas.

Era o começo de Maio. Nalguns jardins, os narcisos formavam coroas de flores sob as árvores de fruto. As bétulas tinham uma fina penugem verde.

Não era estranho que nessa estação do ano tudo comesse a crescer e a desenvolver-se? Porque é que essa massa de plantas verdes podia nascer da terra inanimada logo que o tempo ficava mais quente e os últimos vestígios de neve tinham desaparecido?

Sofia espreitou para a caixa do correio antes de abrir o portão do jardim. Geralmente havia muita publicidade e alguns envelopes grandes para a sua mãe. Sofia colocava sempre um monte de cartas na mesa da cozinha, indo depois para o quarto fazer os trabalhos de casa.

Para o seu pai chegavam por vezes cartas do banco, mas ele também não era um pai comum. O pai de Sofia era capitão num petroleiro e estava fora quase todo o ano.

Quando regressava a casa por poucas semanas, deambulava de chinelos pela casa, e cuidava de Sofia e da mãe de uma forma enternecedora. No entanto, quando estava em viagem, podia parecer muito distante.

Nesse dia havia apenas uma pequena carta na grande caixa do correio, e era para Sofia.

«Sofia Amundsen», estava escrito no pequeno envelope. «Kløverveien 3». Era tudo, sem remetente. A carta nem sequer tinha selo.

Imediatamente após ter fechado o portão, Sofia abriu o envelope. Encontrou uma pequena folha, que não era maior do que o respectivo envelope. Na folha estava escrito: *quem és tu?*

Mais nada. Não havia assinatura, apenas estas três palavras escritas à mão, seguidas de um grande ponto de interrogação.

Observou uma vez mais o envelope. Sim, a carta era de facto para si, mas quem é que a tinha posto na caixa do correio?

Sofia apressou-se a abrir a porta da casa vermelha.

Como de costume, o gato Sherekan saiu furtivamente dos arbustos, saltou para o patamar e enfiou-se em casa, antes de Sofia fechar a porta.

— Bichano, bichano, bichano!

Se, por algum motivo, a mãe de Sofia estava zangada, dizia que a sua casa parecia uma feira de animais. Uma feira de animais era uma colecção de animais diversos e, na realidade, Sofia estava bastante satisfeita com a sua colecção. No início, tinha recebido um aquário com os peixes dourados Caracolinho Dourado, Capuchinho Vermelho e Diabrete. Mais tarde, foi a vez dos periquitos Tom e Jerry, a tartaruga Govinda e finalmente o gato amarelo Sherekan. Todos aqueles animais eram uma espécie de compensação pelo facto de a sua mãe chegar tarde a casa e de o seu pai estar quase sempre a viajar.

Sofia atirou a mala da escola para um canto e pôs um prato com comida de gato para Sherekan. Depois, foi sentar-se num banco da cozinha, com a misteriosa carta na mão.

Quem és tu?

Se ela soubesse! Era obviamente Sofia Amundsen, mas quem era Sofia Amundsen? Ainda não tinha descoberto totalmente.

E se tivesse outro nome? Anne Knutsen, por exemplo. Seria então uma outra pessoa?

Subitamente, lembrou-se de que o seu pai inicialmente lhe gostaria de ter dado o nome Synnøve. Sofia procurava imaginar como seria se cumprimentasse alguém e se se apresentasse como Synnøve Amundsen — mas não, não conseguia. Imaginava sempre uma outra pessoa.

Saltou do banco e, com a estranha carta na mão, dirigiu-se para o quarto de banho. Colocou-se em frente do espelho, e olhou-se fixamente nos olhos.

— Eu sou Sofia Amundsen — disse.

A rapariga do espelho nem sequer respondeu com uma careta. Aquilo que Sofia fizesse, ela fá-lo-ia exactamente da mesma forma. Sofia procurava adiantar-se em relação ao espelho com um movimento muito rápido, mas a outra era igualmente rápida.

— Quem és tu? — perguntou Sofia.

De novo não recebeu nenhuma resposta, mas por um breve momento não soube se tinha sido ela ou o seu reflexo no espelho a fazer a pergunta.

Sofia tocou com o indicador no nariz reflectido no espelho e disse:

— Tu és eu.

Não recebendo resposta alguma, inverteu a frase:

— Eu sou tu.

Sofia Amundsen nunca estivera particularmente satisfeita com a sua figura. Ouvia frequentemente dizer que tinha uns belos olhos de amêndoa, mas as pessoas diziam-no, sem dúvida, porque o seu nariz era demasiado pequeno e a boca um pouco grande. Além disso, as orelhas estavam demasiado junto aos olhos. Mas o mais grave eram os cabelos lisos, difíceis de tratar. Por vezes, o pai passava a mão pelos seus cabelos e chamava-lhe «a rapariga dos cabelos de linho», referindo-se a uma composição de Claude Debussy. Para ele era fácil dizê-lo, visto que não estava condenado para toda a vida a ter cabelos compridos e negros, completamente lisos. Nos cabelos de Sofia nem o gel nem os sprays faziam efeito.

Por vezes, achava-se tão estranha que se perguntava se não seria disforme de nascença. A sua mãe tinha-lhe falado num parto difícil. Mas seria possível o nascimento determinar, de facto, a figura de cada um?

Não era estranho que ela não soubesse quem era? Não era absurdo não poder decidir nada quanto à sua figura? Tinha simplesmente nascido consigo. Podia escolher os seus amigos, mas não se escolhera a si mesma. Nunca tinha decidido que queria ser um ser humano.

O que era um ser humano?

Sofia observou de novo a rapariga do espelho.

— Vou mas é fazer os meus trabalhos de biologia — disse, como que desculpando-se. Em seguida, estava à entrada da casa.

— Não, prefiro ir para o jardim — pensou.

— Bichano, bichano, bichano!

Sofia enxotou o gato para a escada e fechou a porta.

Quando ia pelo caminho de saibro com a misteriosa carta na mão, teve uma estranha sensação. Imaginava-se como um boneco que, por artes mágicas, se tivesse tornado vivo.

Não era estranho que estivesse no mundo e pudesse tomar parte naquela aventura?

Sherekan saltou elegantemente pelo caminho de saibro e desapareceu por entre os espessos arbustos. Um gato vivo, desde a ponta dos bigodes brancos até à cauda ondulante na extremidade do corpo. Também ele estava no jardim, mas certamente não estava tão consciente disso como Sofia.

Depois de ter pensado um pouco acerca do facto de existir, começou também a pensar que não estaria ali sempre.

«Neste momento estou no mundo», pensou, «mas um dia terei desaparecido».

Haveria uma vida após a morte? O gato também não tinha a mínima consciência deste problema.

A avó paterna de Sofia tinha morrido recentemente. Quase todos os dias, há mais de meio ano, Sofia pensava no quanto sentia a sua falta. Não era injusto que a vida tivesse sempre um fim?

Sofia parou no caminho de saibro, cismando. Procurou concentrar-se no facto de existir, procurando assim esquecer que não existiria sempre. Mas isso era de todo impossível. Quando se concentrava no pensamento da sua existência, emergia imediatamente a ideia do fim da vida. O contrário era igualmente verdadeiro: só quando se apercebia que um dia teria desaparecido, compreendia claramente que a vida era infinitamente valiosa. Era como as duas faces da mesma moeda, uma moeda que ela virava constantemente. E quanto maior e mais clara era uma face da moeda, maior e mais clara se tornava também a outra. A vida e a morte eram duas faces do mesmo problema.

Não podemos imaginar que vivemos sem pensar que temos de morrer, dizia para consigo. Do mesmo modo, é impossível reflectir sobre o facto que temos de morrer sem sentirmos simultaneamente que viver é algo maravilhoso.

Sofia lembrou-se que a avó, no dia em que soubera da sua doença, dissera algo semelhante. — Só agora tomo consciência de como a vida é rica — dissera ela.

Não era triste que a maior parte das pessoas tivesse que ficar doente para reconhecer que a vida era bela? Talvez tivesse bastado receber uma carta misteriosa!

Decidiu verificar se teria chegado algo mais. Sofia correu para o portão e espreitou para dentro da caixa do correio. Ficou espantada quando

encontrou um envelope totalmente idêntico. Mas, será que verificara, quando retirou a primeira carta, se a caixa estava, de facto, vazia?

Naquele envelope também estava escrito o seu nome. Abriu-o e retirou uma folha branca, igual à primeira.

*De onde vem o mundo?* — estava escrito.

Não fazia ideia. Ninguém sabe tal coisa! E, no entanto, Sofia achou esta pergunta legítima. Pela primeira vez na sua vida pensou que era quase impossível viver num mundo sem *perguntar* pela sua origem.

Sofia tinha ficado tão perturbada com a misteriosa carta que decidiu ir para a sua toca. A toca de Sofia era um esconderijo. Só ia para lá quando estava muito irritada, muito triste ou muito contente. Nesse dia estava confusa.

A casa vermelha ficava no meio de um extenso jardim. Havia aí muitos canteiros, groselheiras e diversas árvores de fruto, um grande relvado com um baloiço e inclusivamente um pequeno caramanchão que o avô construía para a avó, quando a sua primeira filha morreu, poucas semanas após o nascimento. A pobre criança chamava-se Marie. Na lápide do seu túmulo estava escrito: ‘A pequena Marie veio ao nosso encontro, acenou-nos e foi-se embora’.

Num canto do jardim, por detrás das framboesiras, havia uma espessa moita que não produzia nem flores nem bagas. Na realidade, tratava-se de uma velha sebe, que fazia fronteira com o bosque, e que tinha crescido até se transformar numa moita impenetrável porque, nos últimos vinte anos, ninguém cuidara dela. A avó contara que durante a guerra, altura em que as galinhas corriam livremente pelo jardim, a sebe tinha tornado um pouco mais difícil a caça às galinhas, levada a cabo pelas raposas.

Para os outros, a velha sebe era tão inútil como as coelheiras antigas, que ficavam um pouco mais à frente no jardim. Mas ninguém conhecia o segredo de Sofia. Tanto quanto Sofia se conseguia lembrar, tinha descoberto uma estreita passagem através da sebe. Quando a atravessava de gatas, atingia rapidamente um grande espaço, que era o seu esconderijo. Aí, podia estar completamente segura de que ninguém a encontraria.

Com os envelopes na mão, Sofia atravessou o jardim correndo e rastejou com o apoio dos braços através da sebe. A toca era tão grande, que quase podia ficar de pé, mas decidiu sentar-se numas raízes grossas. De dentro conseguia ver para o exterior, através de dois orifícios minúsculos, por entre ramos e folhas. Apesar de nenhuma destas aberturas ser maior do que uma moeda, ela tinha o panorama

de todo o jardim. Quando era mais pequena, observava divertida a mãe ou o pai à sua procura, no meio das árvores.

Para Sofia, o jardim tinha sido sempre um mundo à parte. Sempre que ouvira falar do jardim do Éden na história da Criação, lembrava-se da sua toca e de como era estar lá sentada e observar o seu próprio pequeno paraíso.

«De onde vem o mundo?»

Não, ela não o sabia. Sofia sabia obviamente que a Terra era apenas um pequeno planeta no universo imenso. Mas de onde vinha o universo?

Era possível pensar que o universo tivesse existido sempre; sendo assim, não precisava de procurar a resposta para a pergunta sobre a sua origem. Mas *podia* alguma coisa ser eterna? Qualquer coisa nela recusava esta ideia. Tudo o que existe tem que ter um começo. Por isso, o universo tinha de ter surgido de outra coisa.

Mas se o universo tivesse surgido subitamente de uma outra coisa, então também esta outra coisa teria de ter surgido, a dada altura, de uma outra. Sofia compreendeu que apenas diferia o problema. Afinal, alguma coisa teria de ter surgido do nada a certa altura. Mas seria isso possível? Este pensamento não seria tão impossível como o de o mundo ter sempre existido?

Na aula de religião, aprendiam que Deus tinha criado o mundo, e Sofia procurou então tranquilizar-se com a ideia de que essa era, no fundo, a melhor solução para o problema. No entanto, começou de novo a pensar. Podia facilmente aceitar que Deus tivesse criado o universo, mas o que se passava pensando em Deus? Será que se tinha criado a si mesmo do nada? De novo, algo nela discordava deste pensamento. Apesar de Deus poder criar todas as coisas, dificilmente se poderia criar a si mesmo, antes de ter um «ele mesmo», com o qual pudesse criar. Restava apenas uma possibilidade: Deus existira sempre. Mas ela já pusera de parte essa possibilidade. Tudo o que existia tinha de ter um começo.

— Que diabo!

Abriu de novo os envelopes.

— Quem és tu?

— De onde vem o mundo?

Que perguntas terríveis! E de onde vinham ambas as cartas? Isso era igualmente misterioso.

Quem é que arrancara Sofia à realidade quotidiana e a confrontara subitamente com os grandes enigmas do universo?

Pela terceira vez, Sofia foi à caixa do correio. Só nesta altura é que o carteiro tinha trazido a correspondência diária. Sofia retirou um

monte de correio com publicidade, jornais e duas cartas para a mãe. Havia também um postal, com a fotografia de uma praia do Sul. Voltou o postal. Tinha selos noruegueses e o carimbo «Contingente ONU». Seria do seu pai? Mas ele não estava noutra sítio? De resto, não era a sua letra.

Sofia sentiu o pulso bater com mais força à medida que lia a direcção no postal. «Hilde Møller Knag, a/c Sofia Amundsen, Kløverveien 3...» O resto da morada estava correcto. No postal estava escrito:

*Querida Hilde! Parabéns pelos teus 15 anos! Como compreendes, quero dar-te um presente, que te ajudará a crescer. Peço desculpa por mandar o postal pela Sofia. Era mais fácil deste modo.*

*Saudades, do pai*

Sofia correu para casa e precipitou-se para a cozinha. Sentia uma tempestade dentro de si.

Quem era esta «Hilde» que completava 15 anos um mês antes do seu aniversário?

Foi buscar a lista telefónica à entrada. Havia muitas pessoas com o nome Møller, e algumas com o nome Knag, mas em toda a lista telefónica não havia ninguém com o nome Møller Knag.

Examinou de novo o misterioso postal. Sim, era autêntico, com selo e carimbo.

Porque é que um pai enviaria um postal de aniversário para a morada de Sofia, se era óbvio que devia ser enviado para outro local? Que tipo de pai enviaria um postal de aniversário para o endereço errado, impedindo que a filha o recebesse? Como é que poderia ser «mais fácil» deste modo? E sobretudo, como poderia ela encontrar essa tal Hilde?

Sofia tinha então mais um problema que se tornava um quebra-cabeças. Procurou de novo organizar as ideias na sua mente.

No decorrer de poucas horas, tinha sido confrontada com três enigmas. O primeiro enigma dizia respeito à identidade da pessoa que tinha posto ambos os envelopes brancos na sua caixa do correio. O segundo eram as questões difíceis que estas cartas colocavam. O terceiro enigma era quem era Hilde Møller Knag e por que motivo Sofia tinha recebido um postal de aniversário endereçado a esta rapariga desconhecida?

Ela tinha a certeza de que estes três enigmas estavam de algum modo relacionados, visto que, até então, vivera uma existência normal.